

Drama de Ana Lídia

volta nas telas

Cerrado Seco revisita um dos maiores crimes sem solução no DF

Por Mayariane Castro

O longa-metragem “Cerrado Seco”, dirigido por Bruno Caldas, entrou na fase final de gravações em Brasília com a proposta de transformar em ficção um dos casos criminais mais conhecidos da capital federal.

Inspirado no assassinato da menina Ana Lídia, ocorrido em 1973 e nunca solucionado judicialmente. O filme utiliza elementos de suspense e investigação para discutir os impactos de crimes sem resposta definitiva sobre vítimas, familiares e a sociedade.

A produção é ambientada em dois períodos distintos, 1973 e 2005, e acompanha os efeitos do desaparecimento e morte de uma criança em uma narrativa construída a partir de memórias, silêncio e relações de poder.

A trama aborda como acontecimentos do passado continuam presentes décadas depois e influenciam personagens ligados direta ou indiretamente ao caso.

Realidade e ficção

Segundo a equipe de produção, o roteiro parte de fatos conhecidos publicamente, mas utiliza a ficção para desenvolver personagens e situações que permitam explorar dimensões psicológicas e sociais relacionadas à impunidade.

O filme foi concebido como um



A família de Ana Lídia no filme que retrata um dos crimes mais chocantes da história de Brasília

thriller psicológico e utiliza mecanismos típicos do cinema investigativo para construir a narrativa.

A história toma como referência o caso Ana Lídia, registrado em Brasília em setembro de 1973.

A menina de sete anos desapareceu após sair de casa, no então recém-criado bairro da Asa Sul. Dias depois, o corpo foi encontrado em uma área do Parque Nacional de Brasília. O crime gerou repercussão nacional e mobilizou autoridades policiais e políticas da época, mas nunca chegou a uma conclusão judicial definitiva.

Arquitetura narrativa

Em “Cerrado Seco”, a capital federal também ocupa papel central na construção narrativa. Brasília aparece não apenas como cenário, mas como parte da estrutura dramática do filme. Monumentos, áreas vazias, espaços institucionais e a arquitetura modernista são utilizados para representar relações entre poder político, isolamento e controle social.

De acordo com a direção, a escolha por filmar em locações reais da cidade busca aproximar a narrativa de elementos históricos e urbanos reconhecíveis pelo público local e nacional. Parte das gravações ocorreu em regiões centrais do Plano Piloto e em áreas que preservam características arquitetônicas semelhantes às da década de 1970.

Pai e filho

no mesmo papel

Em momentos diferentes, Rafael Vitti e João Vitti interpretam o mesmo personagem na trama

O elenco principal reúne Rafael Vitti e João Vitti, que interpretam o mesmo personagem em diferentes momentos da vida. Esta é a primeira vez que pai e filho atuam juntos em um longa-metragem. A produção afirma que a escolha dos atores teve como objetivo estabelecer continuidade dramática entre as duas fases da narrativa.

Além do elenco, a equipe técnica é formada majoritariamente por profissionais de Brasília. Entre os nomes envolvidos estão o diretor de fotografia Elder Miranda Jr. e a di-

retora de arte Carmem Santhiago, ambos estreando em longas-metragens. A proposta da produção é ampliar a participação de profissionais do Distrito Federal em projetos de alcance nacional.

Bruno Caldas já havia trabalhado anteriormente em produções voltadas para temas sociais e documentais. Entre os trabalhos anteriores do diretor estão os curtas-metragens “Colapso” e “De Repente”, além dos documentários “Utopia Distopia” e “A Terceira Margem”. Em “Cerrado

Seco”, ele passa a trabalhar diretamente com o cinema de gênero, utilizando estruturas narrativas ligadas ao suspense e ao noir.

A produção recebeu recursos públicos por meio da Lei Paulo Gustavo e da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura. Os mecanismos foram criados para incentivar projetos culturais em diferentes regiões do país e financiar produções audiovisuais após os impactos sofridos pelo setor durante a pandemia de Covid-19.

Segundo os produtores, o financiamento permitiu manter as gravações no Distrito Federal e contratar profissionais locais para áreas como direção de arte, fotografia, produção executiva e pós-produção.



Rafael Vitti é um dos destaques do elenco

@iluissephoto/Isabel Louise